

Gólgota

Sete poemas em memória de João Paisana

Gustavo de Fraga

Vernunft ist unpersönlich: sie wird
menschlich durch ihre Bewegung in der Zeit.
Jaspers, sobre Max Weber

Gólgota I

Primavera no Outono

Aos poucos enche-se de luz a natureza.
Na janela do meu quarto poisam as aves,
Enquanto vou lembrando, mansos e suaves,
Os acordes de Outono, cheios de tristeza.

Daquela música que nos acompanhava
À última morada, em dias que lá vão.
Nesses dias dos dias, em que se calava
Por fim o já dilacerado coração.

Opostos tempos com opostas naturezas:
A luz da Primavera, as outonais tristezas
Iguais no mesmo sentimento duradouro.

As Primaveras morrem, os Outonos nascem,
Tal como as flores sempre morrem e renascem
– Novos Cristos cobertos de ruínas de ouro!

Gólgota II

A Tragédia e os frutos da verdade

Andamos de hora a hora deus a construir
E Ele foge-nos sempre! No ser, na poesia,
Em tudo sinto que morremos dia a dia,
Sem esperanças, sempre expostos ao devir.

Provar o *fruto da verdade* é constituir
 A afirmação que nega Deus e a fantasia:
 Aquilo mesmo que o teu coração pedia
 Tomou-se no que não querias já pedir!

Ou será que *a tragédia* constitui o passo,
 Indispensável, único, para este abraço
 Entre sentido e ser, que cria a realidade?

Cristo sentiu-se Deus. E logo Deus existe.
 O Gólgota no nosso coração persiste,
 É a meditação a que fugir não se há-de.

Gólgota III

Poesia e Filosofia

Pedem-me esta homenagem e eu abri Antero,
 Que sempre vi, artista, cruzar a poesia
 Do modo mais subtil com a filosofia.
 É por isso que, agora, em diálogo eu espero

Exaltar a razão, honrar a fantasia,
 Sem destruir o sonho eterno que venero,
 Sem que sobre nós outros caia o desespero
 – Por morte do sagrado, em temor da heresia.

Nunca iremos contar *a última experiência*.
 Embora a relação de experiência e ciência,
 Não a irás contar, portanto, ó meu Amigo!

Hás-de mudar de forma sempre, também li.
 Mas quem te traduziu o que era *o sempre*, a ti
 Se não O que chegou a Si sempre Consigo?

Gólgota IV

Antígona

Impossível detê-la, seria impiedade
 Querer Antígona calada e respeitosa,
 Perante a lei humana, e da infâmia receosa.
 O coração que herdou – negar ela não há-de.

Às mãos de Tebas, mãos cruéis e sem piedade,
 A Princesa morreu por uma acção piedosa.
 Há a Tragédia que assinala, dolorosa,
 A dádiva de si, na via da Verdade.

Sim. A Verdade da tragédia é muito antiga,
Também por ela Cristo deu a vida ao Pai.
E para sempre Se tornou igual a Ele

Na velhíssima história que até hoje liga
As gerações, e agora, renovada, atrai
As nossas almas para Deus e para o que vem Dele.

Gólgota V

O divino fenómeno

Nunca tive, porém, *os frutos da verdade*,
Porque um Deus existente sempre me fugia,
A ideia morta para nada me servia,
Embora consagrada pela liberdade.

O divino fenómeno não existia
No percurso da ideia que se prova e há-de
Querer fugir sempre e sempre à vil realidade.
As partes não a dão e o todo se exigia.

Desde os primeiros tempos que Jeová só era
O Terrível, o Grande, o Misterioso Ausente,
Sem diálogo, nem vinha, sem a Fé dos Seus.

Igual ao Pai, vem Cristo e logo considera
Que Ele estaria em Si, idêntico e presente:
Só o Ressuscitado existe como Deus!

Gólgota VI

Deus e a ideia

No Monte da Caveira terminou o Santo
Os seus dias amargos, dias da Paixão,
E revelou-se claro aos homens desde então
Quem fora sempre Deus. Com o maior espanto,

Calou-se a teologia. Nas chagas e pranto
A nós todos provoca Ele a compaixão.
Sem a necessidade de demonstração,
O Único emergia e a dor vertia encanto.

Desde os primeiros dias o Pai, o Invisível,
Era a Ideia, o apenas pensado, só dito,
Aquilo que aguardava a aparição de Deus.

Fenómeno divino, o Filho era o visível,
A Existência através da qual o velho mito
Anima a Esperança dos que foram Seus.

Gólgota VII

Visita a Jesus

Vontade livre que acordou a Ideia,
Assim O imaginava, e eu O queria.
Porque a fé, no meu coração guardei-a,
Entre fontes de Amor e de Alegria.

Quando a alma viu Cristo, de luz cheia,
Viu Deus como a Existência o requeria,
Não como essência a um Querer alheia,
Mas Desejo que dentro de nós crescia.

Por mais que penses, Cristo e o Seu Querer
Mudaram tudo, a Deus deram sentido,
Que nós todos herdámos e persiste.

Doutra maneira, o mesmo vou dizer,
Por palavras mais breves, do vivido:
Sim, pelo Filho do Homem Deus existe!

Ponta Delgada, Fevereiro/Abril de 2002
